



**A REPRESENTATIVIDADE SOCIAL DE RIOS NO ESPAÇO URBANO: o uso de trabalho de campo como facilitador do Estudo do Meio na cidade de Santo Antônio de Pádua/RJ<sup>1</sup>**

**Karen Mata Santos**

Programa de Pós-Graduação em Ensino, Universidade Federal Fluminense  
karenmata97@yahoo.com.br

**Jean Carlos Miranda**

Programa de Pós-Graduação em Ensino, Universidade Federal Fluminense  
jeanmiranda@id.uff.br

## 1 – INTRODUÇÃO

Propor um roteiro de Estudo do Meio em qualquer lugar é um desafio, tendo em vista as inúmeras possibilidades existentes, pois cada lugar tem particularidades que podem ser entendidas como objeto de estudo. Desta maneira, faz-se necessário entender este espaço e todas as simbologias contidas na paisagem para se delinear o que é pertinente inserir na formulação do roteiro. A partir do entendimento do espaço, o indivíduo pode criar suas próprias impressões sobre o mundo e, desta forma, quando se insere esta metodologia no ensino desde as séries iniciais pode-se contribuir para o crescimento do aluno, através do desenvolvimento de uma visão de mundo menos fragmentada.

O Ensino nas escolas brasileiras, em grande maioria, tem se pautado em termos distantes das realidades do aluno e do professor. Com currículos padronizados, tem se perdido particularidades. Sendo assim surge a necessidade da inserção de elementos que naturalizem e aproximem o indivíduo no processo ensino-aprendizagem na escola. Como afirma Freire (1987), é necessário que o objetivo da escola seja o de ensinar o aluno a ler o mundo.

---

<sup>1</sup> Este trabalho é parte da dissertação “O uso de recursos didáticos como facilitador do estudo do meio: a representatividade do rio Pomba em Santo Antônio de Pádua”, defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Ensino – UFF, pela primeira autora.



Contudo, ainda que a aprendizagem seja, sem dúvida, um elemento muito importante dentro da sociedade dita globalizada, pois o valor da informação é altíssimo, porém ela é, por vezes, negligenciada. Com isso, foram desenvolvidas formas de difundir conhecimento e possibilitar a percepção sobre o grau de aprendizagem de indivíduos, visto sua impessoalidade.

Neste contexto de inquietação, onde se busca tornar o ensino escolar mais atrativo e próximo aos alunos, pode-se criar tentativas a partir de experimentações dentro e fora da sala de aula. Nesse sentido, não há um desmerecimento do espaço escolar, mas uma busca de interação dos alunos com o espaço vivido e, por conseguinte, a demonstração de que a sala de aula pode ser o mundo, pois se consegue aprender e assimilar informação a partir de variadas formas de estímulo.

Esta discussão corrobora a proposta feita nos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1999), onde se afirma que o papel fundamental da educação no desenvolvimento dos sujeitos e das sociedades amplia-se ainda mais no despertar do novo milênio e aponta para a necessidade de se construir uma escola voltada para a formação de cidadãos. Tão logo, propor formas de ensino que aproximem o aluno e não o tratem como objeto e sim como sujeito participante faz com que se inicie a formação de cidadãos críticos.

Neste contexto os PCN (BRASIL, 1997) visam o Estudo do Meio como ferramenta valiosa na construção do saber. Segundo Lopes e Pontuschka (2009), o Estudo do Meio pode ser compreendido como um método de ensino interdisciplinar que visa proporcionar a alunos e professores contato direto com uma determinada realidade, um meio qualquer (rural ou urbano), que se decida estudar.

Esta atividade pedagógica se concretiza pela imersão orientada na complexidade de um determinado espaço geográfico, do estabelecimento de um diálogo inteligente com o mundo, com o intuito de verificar e de produzir novos conhecimentos. O Estudo do Meio deve ser reconhecido como um recurso pedagógico privilegiado, pois dá ao aluno a possibilidade de adquirir um olhar diferenciado, indagador sobre o espaço e sua dinâmica.

A inserção de metodologias alternativas que promovam a evolução do pensamento crítico do aluno, além da contribuição também para o professor e sua formação prática, constituem-se em um desafio no campo do Ensino. Tão logo, o



Estudo do Meio pode ser realizado como ferramenta enriquecedora nestes casos e também no sentido de ser uma possibilidade de interação de saberes.

Desta forma, a prática do Estudo do Meio vem a contribuir em todas as etapas do processo ensino-aprendizagem. Porém é necessário não deixar de ter em mente que as ações que o estruturam são realizadas na busca de acordos pedagógicos, sem negligenciar nenhuma relação ou possíveis conflitos do contexto social, ao se praticar essa metodologia e também da unidade escolar.

A partir desta concepção, se acredita que o Estudo do Meio de acordo com Pontuschka (2004) pode tornar mais significativo o processo ensino-aprendizagem bem como contribuir com o desenvolvimento de indivíduos críticos e investigativos em relação ao meio em que vivem, trazendo consigo inquietação para fatos novos em espaços já naturalizados. Dessa forma, lança a possibilidade de produção de novos conhecimentos e elaboração contínua do currículo escolar.

Nesse sentido, destaca-se seu papel na dinâmica de trabalho do professor, na valorização intelectual do seu trabalho, de forma que pode ser desenvolvida também uma nova profissionalidade docente. Todavia não se pode, a partir da positividade, excluir a importância das definições curriculares oficiais e os materiais didáticos, pois estes são referenciais de grande valia aos docentes. Entretanto, o papel do professor não pode ficar reduzido a um simples executor deste currículo.

Segundo Ide (2005), o professor torna-se assim, um profissional capaz, apenas de transmitir um saber pronto, estabelecido para o desenvolvimento social e intelectual do aluno. Conseqüentemente, faz-se uma opção por métodos e técnicas que não aceitam a atividade assimiladora da inteligência na construção dos conhecimentos. Sendo assim, em alguns casos, por estar inserido em Estados que percebam o quão poderoso é o discurso do professor, o mesmo passa a ser tolhido de sua parcialidade, por mecanismos ligados às formas como é gratificado e pela própria manutenção do cargo. Pode-se levantar a hipótese da ação do Estado estar exatamente ligada a desvalorização e desmotivação do professor, pois, por vezes, a alienação crítica de uma geração é vantajosa para gestores públicos e seus aliados.

“Em suma, as referidas pesquisas mostram que tais atividades têm contribuído para o fortalecimento da autonomia da instituição escolar e dos



professores de maneira geral. Da instituição escolar porque é uma alternativa às políticas e propostas vindas das secretarias de educação e dos professores porque podem desenvolver seus saberes profissionais sem serem teleguiados pelos materiais didáticos oficiais. Podem corroborar, sem dúvida, o processo de desenvolvimento da profissionalidade docente.” (LOPES; PONTUSCHKA, 2009; p.178)

A partir do reconhecimento da necessidade de inovar o método de ensino em sala de aula, o que se percebeu a partir da possibilidade da inserção de Estudo do Meio numa paisagem próxima a realidade dos alunos é que pode ser esta uma ferramenta de extrema validade. Aguçar a curiosidade do estudante desnaturaliza a visão sobre a paisagem cotidiana e, em especial, faz pensar em cada elemento que compõe a paisagem.

De forma que, incitar formas de observação crítica da paisagem pode fazer com que seja despertado senso diferenciado sobre o espaço vivido e a partir dessa sensibilização, mudanças de práticas em relação ao meio que se vive. A partir disso, o mecanismo de preservação dos locais pode ser potencializado, pois a população consciente da realidade ambiental e de seu equilíbrio pode ser um elemento chave para melhoria da qualidade do ambiente e por consequência de vida de todos os elementos que formam o sistema mundo.

## 2 – OBJETIVOS

Os objetivos deste trabalho estão ligados à sensibilização de alunos moradores de Santo Antônio de Pádua-RJ, com a criação/utilização de instrumentos didáticos com base no Estudo do Meio, em especial o Rio Pomba, de forma a identificar a sua representatividade social no espaço urbano do município.

## 3 – METODOLOGIA

O público alvo é formado por aluno da rede pública de ensino do município. O intuito de ser aplicado em escolas de Santo Antônio de Pádua tem como finalidade sensibilizar os alunos e fazê-los difusores de conhecimentos sobre tão caro elemento

natural. Neste sentido, a proposta foi pautada na observação espaço urbano desde a escola até um ponto marcado por uma ponte de ferro que articula a cidade.

Dessa forma, os alunos, membros de duas turmas de primeiro ano do Ensino Médio do Colégio Estadual Leonel Homem da Costa, percorreram o caminho observando especificidades e, com o auxílio de fotografias antigas, tecendo comparações acerca das mudanças observadas no espaço urbano da cidade. Por fim, iniciou-se uma conversa às margens do Rio Pomba sobre a representatividade do rio, a fim de elucidar a importância social e natural do elemento rio.

O ponto de observação (Figuras 1 e 2) foi escolhido com base em alguns critérios: oportunidade de observação da interferência humana na dinâmica do Rio Pomba, interação cotidiana dos alunos com o espaço vivido, segurança dos alunos e proximidade ao colégio. Tudo isso legitima o que se afirma durante este estudo, que é fazer com que o espaço naturalizado ganhe uma nova roupagem perante as percepções dos alunos de acordo com os conteúdos propostos.



Figura 1. Ponte de Ferro. Santo Antônio de Pádua/RJ.



Figura 2. Um ângulo de observação da Ponte de Ferro, Santo Antônio de Pádua/RJ.

Foi realizada uma análise de cartas topográficas da região e, na sequência, os alunos foram convidados a se posicionarem na plataforma inicial da ponte a fim de observar e dialogar sobre o que se via, a história do lugar e experiências vividas por alguns alunos em lugares do entorno. Por último, foi distribuído questionário com questões abertas para que os mesmos fossem respondidos de forma livre, a fim de detectar significâncias de cada indivíduo sobre os aspectos observados durante a saída ao campo.

#### 4 - RESULTADOS PRELIMINARES

Ao comunicar sobre a saída dos domínios territoriais da escola aos alunos, houve grande curiosidade. Neste sentido aconteceu uma série de indagações, como o porquê e para quê fazer isto, pra qual local seria a ida, se haveria ônibus, se poderiam ir de roupa de banho, se depois da saída teriam que retornar a escola. Todos esses questionamentos foram respondidos seguindo a lógica do respeito e da individualidade no processo ensino-aprendizagem.

Contudo, o que se pode observar a partir disto é que a figura da escola ainda causa desagrado em parte expressiva deste grupo de alunos, de forma que muitos rejeitaram a ideia de voltar pra escola após a realização da atividades. Talvez a falta de



interesse instituído sobre a figura da escola cause essa repulsa, o que pode ser reflexo de alguns aspectos que envolvem desde a estrutura física da escola até o Projeto Político Pedagógico adotado pela mesma, com base nas orientações da Secretaria Estadual de Educação do Estado do Rio de Janeiro.

Isto é um ponto considerável à discussão, pois a figura da professora regente é bem aceita pelos alunos e a postura das turmas com a mesma é sempre respeitosa e positiva. Logo, o que seria, neste sentido, que afasta os alunos deste meio? Uma hipótese a se analisar é a de que a forma como o Ensino é delineado por razão da influência do Estado, onde o aluno tem raso protagonismo durante o processo ensino-aprendizagem e uma estrutura física limitante cause essa ação de distanciamento dos alunos.

Esta suposição corrobora o que se viu/ouve com a notícia de saída de campo. Os alunos tenderam a mostrar que querem mais autonomia. É a partir deste pensar que as ações deste trabalho foram norteadas. Tendo em vista a vulnerabilidade do sistema quanto à atração dos alunos deve-se buscar fazer com que o estudante tenha vontade de atuar como protagonista de seu aprender.

O projeto de escola seja ela qual for, é elaborado prevendo espaços para trabalhos com determinados métodos e os métodos não duram para sempre. Ficam obsoletos e exige reciclagem, o que nem sempre acontece, com a mesma velocidade, com o espaço construído. (MOREIRA *apud* ELALI, 2003).

A estrutura pedagógica adotada por grande parte das escolas no Brasil, e em especial no ensino público, tende a ser conformista, no sentido de organizações de configuração de sala, com o mesmo formato há décadas e métodos tão antigos quanto. Cabe ressaltar que não há demérito em práticas que sigam essa conformidade, desde que elas causem nas partes interessadas no conhecimento, crescimento, interesse e comunhão. Caso causem marasmo e desestímulo as mesmas devem ser revistas, em caráter de urgência.

Elali (2003) corrobora com a ideia da mudança nas estruturas e mostra algo sintomático, que é a estrutura física não acompanhar a dinamicidade das evoluções sociais. Isto explicaria, em grande parte, o desestímulo escolar. É um raciocínio simples,



ao passo que algo desafia ou atrai em algum sentido, isto causará ânimo no indivíduo. Pois como afirma Maturana (1998) “[...] não é a razão o que nos leva à ação, mas a emoção”.

Logo, é basal para o sucesso do processo ensino-aprendizagem uma revisão de postura por aqueles que têm o domínio sobre as políticas públicas de Ensino. Porém, a partir de algumas posturas adotadas por gestores públicos se percebe a ideologia acerca da Educação, que por vezes não é adequada ao processo ensino-aprendizagem, em sua totalidade. Esta postura corrobora, por vezes, para falta de formação de senso crítico.

Trata-se, pois, de eleger a educação como máxima prioridade, definindo-a como o eixo de um projeto de desenvolvimento nacional e, em consequência, carrear para ela todos os recursos disponíveis. Assim procedendo, estaríamos atacando de frente, e simultaneamente, outros problemas do país, como saúde, segurança, desemprego, pobreza, infraestrutura de transporte, de energia, abastecimento, meio ambiente etc. Infelizmente, porém, as tendências que vêm predominando na educação brasileira caminham na contramão dessa proposta. (SAVIANI, 2009, p.153).

A complexidade em propor novas metodologias é o enfrentamento com os próprios alunos tendo em vista o costume com as formas que mantiveram maior contato durante sua formação escolar. Neste sentido pode-se entender a postura de alguns alunos durante a atividade proposta. Houve posicionamentos de descontentamento em relação ao local de destino, pois era “somente o rio”.

O entendimento sobre saída em grupo da escola permeia a ideia de passeio ou excursão. Isto fica evidente ao passo que alguns alunos gostariam de ir de ônibus a um lugar tão próximo da escola, pois, para eles, era um “passeio” da escola e, por isso, deveria ser de ônibus. Quando da chegada ao lugar de observação, houve alunos que se mostravam desinteressados por já conhecerem o perímetro e considerarem o lugar sem perspectiva de interesse, talvez por acharem não haver nada de novo a aprender no local. Foi exposta uma carta topográfica do Brasil, onde se observou, em especial, os rios e houve uma conversa sobre a importância de recursos hídricos dando ênfase à bacia do Rio Pomba. Após a análise da carta topográfica do Estado do Rio de Janeiro, onde se alcançou o Rio Pomba, os alunos mostraram-se interessados, em sua maioria, e



conseguiram fazer conexões entre o que fora conversado em sala de aula, com o que era abordado no momento (Figura 3).



Figura 3. Conversa em praça pública com uso de cartas topográficas como facilitadores.

A condução dos pontos a se considerar, que fora iniciada pelas cartas topográficas, continuou e houve a ocupação de outros espaços. Inicialmente os alunos ocuparam bancos e mesas da praça. Em seguida, o posicionamento foi na ponte de ferro (Figura 4), com o intuito de ampliar a visão em relação ao rio.



Figura 4. Alunos posicionados na ponte de ferro em Santo Antônio de Pádua/RJ.

As positivities de tomar posse da cidade como forma de ensino são marcantes. Contudo, se há o fato central que é a dinamicidade do espaço, tão importante para o

entendimento das relações sociais, há também transeuntes, curiosos, barulho, uma gama de fatores que podem ser complicados de lidar, pois têm a capacidade de causar distração. Logo, há um árduo combate com esses elementos durante a observação.

A disposição dos alunos na ponte necessitava de atenção e interesse em querer conversar sobre, pois a organização foi livre. Sendo assim, alguns alunos fizeram anotações e até mesmo gravaram em seus aparelhos celulares, a exposição oral e a conversa (Figura 5).



Figura 5. Alunos na ponte de ferro durante exposição oral e conversa sobre o Rio Pomba.

Ao dar ênfase à questão do espaço dinâmico e às interações do ser humano com o meio se chegou a fatos da realidade vivida por alguns alunos. Houve falas sobre uso do rio pelas famílias de alguns (que não haviam citado nos encontros anteriores, na escola) e alunos que já pescaram com seus pais (uma aluna relatou sobre a mãe fazer a “limpeza” de peixes pescados pelo pai, para consumo pela família), um aluno relatou ter morado na beira do rio, com tamanha proximidade que dizia ter “morado dentro do rio”, alguns colegas confirmaram a proximidade e o mesmo afirmou ter saído, pois a prefeitura teria solicitado, dado o risco em que a família se encontrava.



## 5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Durante longos séculos, a Terra foi o grande laboratório do homem; só há pouco tempo é que a cidade assumiu esse papel” (LEFEBVRE, 2006, p. 77). É compreensível, desta forma, o estranhamento causado quando se propõe tomar posse da cidade como espaço não somente naturalizado das práticas cotidianas, mas também como lugar de identidades e suscetível a análises, formado por interesses e contornado por relações sociais que resultam nas divisões territoriais.

A oportunidade de fazer com que o aluno perceba a complexidade do espaço é ímpar e torna, assim, o estudo contextualizado, de forma a fortalecer o método de trabalho de campo. Neste sentido, se percebe que o espaço é um rico recurso e deve ser utilizado para que haja aproximação entre teoria e prática, com objetivo de despertar o interesse em estudá-lo e compreender suas complexidades.

## 6 - REFERÊNCIAS

- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: apresentação dos temas transversais e ética**. Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: História e Geografia**. Brasília: MEC/SEF, 1999.
- ELALI, G. A. **O ambiente da escola – o ambiente na escola: uma discussão sobre a relação escola–natureza em educação infantil**. Estudos de Psicologia 8(2), 309-319, 2003.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- IDE, S. M. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**/Tizuko M. Kishimoto (Org.); - 8ª Ed. – São Paulo: Cortez, 2005.
- LEFEBVRE, H. **O Direito à Cidade**. São Paulo: Centauro, 2006.
- LOPES, C.S.; PONTUSCHKA, N.N. **Estudo do Meio - fundamentos e estratégias**. Maringá-PR: Editora da Universidade Estadual de Maringá- Coleção Fundametum n. 56, 2010.



MATURANA, R. H. **Emoções e linguagem na educação e na política.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

PONTUSCHKA, N.N. **O conceito de estudo do meio transforma-se em tempos diferentes, escalas diferentes, com professores diferentes.** In: Vesentini, J. W. (Org.) O ensino no século XXI. Campinas, SP: Papyrus, p. 249-288, 2004.

SAVIANI, D. **Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro.** Revista Brasileira de Educação v. 14 n. 40 jan./abr, 2009.